

**RELATÓRIO DE
ATIVIDADES
AMÉRICA LATINA**

2022



Sumário

3	Editorial	20	Dengue
4	O compromisso da DNDi com a América Latina	23	Hepatite C
6	Institucional	25	COVID-19
10	Doença de Chagas	26	Advocacy
16	Leishmaniose	28	Agradecimentos

A **iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDi)** é uma organização internacional sem fins lucrativos que descobre, desenvolve e disponibiliza tratamentos seguros, eficazes e acessíveis para pacientes negligenciados.

Usando o poder da inovação, da ciência aberta, de parcerias e de práticas de *advocacy*, buscamos soluções para a falta de medicamentos contra doenças que ameaçam a vida de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Os 3 pilares da nossa missão



Inovamos para salvar vidas

Disponibilizamos tratamentos necessários para pacientes negligenciados e trabalhamos para garantir que sejam acessíveis e adaptados às comunidades que mais precisam.



Fomentamos soluções inclusivas e sustentáveis

Trabalhamos junto com países endêmicos para promover ecossistemas de inovação que priorizem as necessidades das pessoas afetadas.



Promovemos a mudança

Defendemos mudanças concretas em políticas públicas para tornar o sistema de P&D mais eficaz e equitativo, garantindo que todos tenham acesso à inovação, independentemente de renda ou de onde vivam.

Editorial

Carta do diretor



O ano de 2022 nos permitiu vislumbrar um cenário de pós-pandemia, trazendo esperança, mas também grandes responsabilidades. Ao mesmo tempo em que a COVID-19 evidenciou a capacidade da ciência de responder a problemáticas de interesse mundial em tempo recorde, a vacina nos deu um exemplo claro de que inovação nem sempre se traduz em equidade de acesso no modelo clássico de P&D, voltado para o lucro. Enquanto alguns países saíram na frente na imunização, outros — principalmente os do Sul Global — ainda têm baixa cobertura vacinal, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. Nesse sentido, para nós na DNDi América Latina, foi um ano de reflexões técnicas e éticas: primeiro, sobre como capitalizar os esforços científicos empreendidos na pandemia para solucionar problemas que afetam as populações vulneráveis de maneira constante; e segundo, sobre como usar as lições aprendidas nesse período para aprimorar processos e garantir que a descoberta de inovações para doenças negligenciadas seja acompanhada do acesso a seus benefícios.

Também em 2022, a DNDi, junto a seus parceiros, atingiu o marco de 12 tratamentos disponibilizados para populações negligenciadas, na antessala da comemoração de seus 20 anos de existência, completos em 2023. Em todos os nossos escritórios ao redor do mundo, aceleramos a implementação do Plano Estratégico no qual nos propusemos a alcançar o desenvolvimento de 25 tratamentos até 2028, quando celebraremos 25 anos de fundação. Assim, na América Latina, com o apoio de nossos doadores públicos e privados, mantivemos uma agenda de P&D ativa e robusta para seguir contribuindo com o avanço do trabalho da DNDi no cumprimento dessa meta. Além disso, intensificamos nossas ações para construir e fortalecer redes, alianças, plataformas e estruturas com instituições de países endêmicos, a fim de gerar um

ecossistema de inovação inclusivo e sustentável capaz de conjugar pesquisa, desenvolvimento e acesso.

Com expectativa e alegria, acompanhamos e participamos do sólido processo de transição da direção executiva da DNDi de Dr. Bernard Pécoul, fundador da organização, para Dr. Luis Pizarro ao longo dos três primeiros trimestres do ano. Durante esse percurso, Pizarro teve a oportunidade de visitar nossa região — mais precisamente Brasil, Colômbia, Argentina e Chile — e observar de perto as pesquisas e os projetos de inovação que coordenamos aqui.

A DNDi ainda promoveu ações de fortalecimento de sua estrutura global, a fim de ampliar a presença de lideranças estratégicas nas regiões, incluída a América Latina. Tais medidas levaram em conta o extenso campo de atuação da DNDi América Latina e foram cruciais para que possamos atender ainda mais às necessidades de populações vulnerabilizadas na região.

Encerramos o ano com boas expectativas em relação ao futuro da inovação na América Latina, ao ver países latino-americanos com reais potencialidades de liderança recuperando um papel estratégico na conjunção de esforços para uma maior integração regional em prol da saúde pública. A busca de soluções soberanas e sustentáveis é de extremo valor para o desenvolvimento da região. Mais do que uma missão, é uma satisfação colaborar para esse processo. É com esse espírito que seguimos, junto a nossos parceiros, executando e apoiando projetos que visem colocar a América Latina como parte de uma cadeia global geradora de inovação médica para quem mais precisa.

Boa leitura!

Dr. Sergio Sosa-Estani
Latin America Director

Institucional

O compromisso da DNDi com a América Latina

Cerca de 68 milhões de pessoas nas Américas são afetadas por doenças tropicais negligenciadas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Enquanto algumas doenças estão no foco do clássico sistema de pesquisa e desenvolvimento (P&D) de medicamentos, outras recebem pouco investimento para inovação e descoberta de terapias mais eficazes, seguras e acessíveis.

É esse quadro de negligência que caracteriza um grupo de 20 doenças tropicais que atingem, sobretudo, pessoas em situação de vulnerabilidade — dentre as quais, principalmente, mulheres e crianças.

A DNDi foi criada em resposta à frustração de médicos e ao desespero de pacientes diante de um cenário de medicamentos ineficazes, tóxicos, inacessíveis ou até mesmo inexistentes para tratar doenças tropicais negligenciadas. Por meio de um modelo de P&D sem fins lucrativos, baseado em parcerias e centrado nas necessidades das

populações afetadas por essas enfermidades, desenvolvemos terapias adaptadas ao contexto das áreas endêmicas. Além disso, trabalhamos para melhorar o acesso a métodos de diagnóstico e tratamento.

As doenças tropicais negligenciadas alimentam ciclos de pobreza à medida que reduzem a capacidade de aprendizagem e a produtividade dos indivíduos. O compromisso da DNDi com a América Latina é disponibilizar novos tratamentos para pacientes negligenciados na região, a fim de melhorar as condições de vida deles. Também é nossa missão fortalecer capacidades locais para o enfrentamento de problemas de saúde pública e atuar na defesa de políticas públicas que atendam às necessidades das comunidades latino-americanas que mais precisam.

Temos o prazer de apresentar, neste relatório, as atividades e conquistas da DNDi na América Latina em 2022, que somente foram possíveis graças aos parceiros que trabalham conosco e ao apoio de doadores da região e de outras partes do mundo.

Doenças no portfólio de P&D



Parceiros

Indústrias farmacêuticas Ministérios da saúde e governos Universidades e instituições públicas de pesquisa Estabelecimentos de saúde Pacientes e comunidades Organizações sem fins lucrativos

Projetos em andamento na região



Países

1. EUA
2. México
3. Guatemala
4. Panamá
5. Colômbia
6. Peru
7. Brasil
8. Bolívia
9. Argentina

- 
- LOLA/PITE
 - Plataforma Chagas
 - redeLEISH
 - GT US Chagas

Redes de liderança regional



Para saber mais sobre as atividades da DNDi ao redor do mundo, leia o [2022 Annual Report](#) (em inglês).

Institucional

Cooperação Sul-Sul em prol da inovação médica

Colaboração é uma parte essencial do modelo de P&D da DNDi. Atualmente, temos mais de 200 instituições parceiras em mais de 40 países, que tornam possível a inovação científica para os mais negligenciados.

Em 2022, potencializamos nossas parcerias na América Latina com o objetivo de melhor atender às necessidades das populações da região. Acreditamos que a cooperação Sul-Sul é essencial e prioritária para o enfrentamento de problemas de saúde pública em países de baixa e média renda.

Duas novas Alianças Estratégicas

A DNDi, a organização argentina sem fins lucrativos Fundação Mundo Sano e o grupo farmacêutico Insud Pharma firmaram uma Aliança Estratégica para formalizar e ampliar a colaboração entre as entidades. Após projetos conjuntos bem-sucedidos de P&D de medicamentos para hepatite C (ravidasvir) e doença de Chagas (benznidazol), as três organizações querem avançar em direção a novas oportunidades de grande impacto — relacionadas a preparação para pandemias e desenvolvimento de formulações pediátricas, por exemplo.

Com a assinatura do acordo, DNDi, Fundação Mundo Sano e Insud se comprometeram a implementar, até 2028, iniciativas que ajudem a assegurar que tratamentos sejam desenvolvidos e disponibilizados para pacientes e comunidades negligenciadas em todo o mundo, especialmente na América Latina. As atividades da Aliança Estratégica se darão em quatro grandes áreas: desenvolvimento de fármacos para doenças virais, desenvolvimento de medicamentos para doenças tropicais negligenciadas, formulações pediátricas e melhoria do acesso de populações negligenciadas a tratamentos.

As organizações ainda estabeleceram um comitê estratégico conjunto para supervisionar as colaborações que ocorrerem no âmbito da Aliança Estratégica.



Foto: Ana Ferreira-DNDi

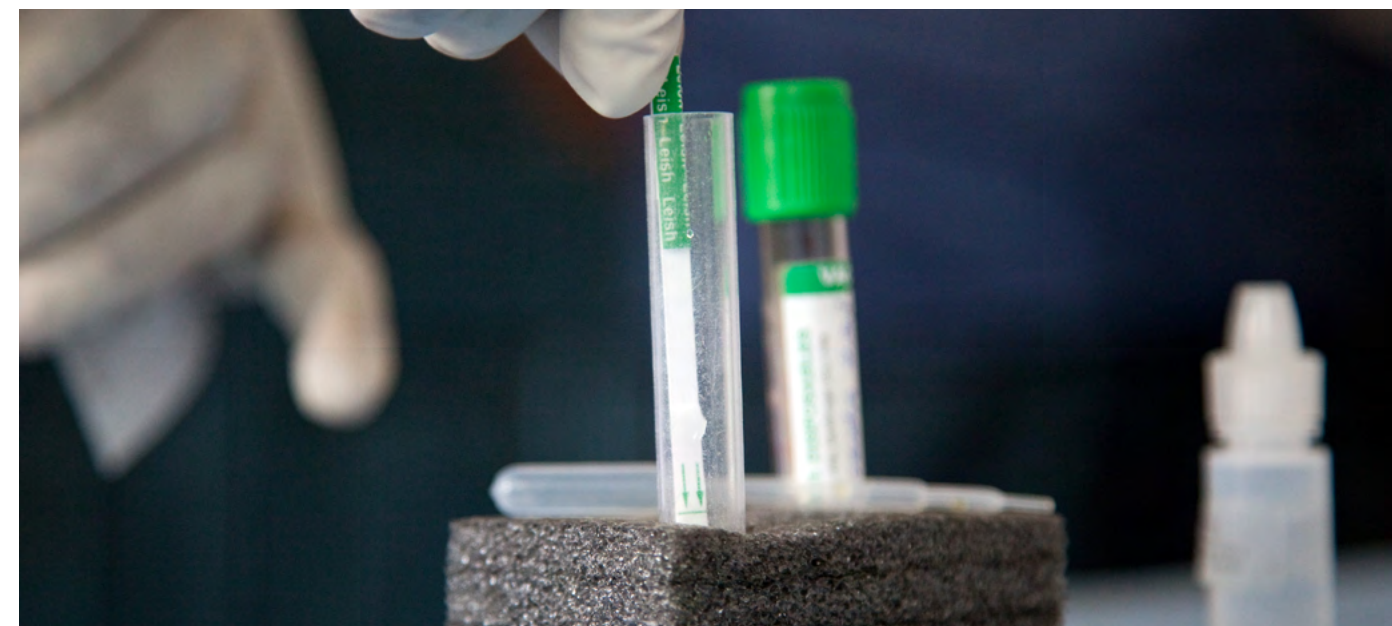


Foto: Graham Crouch-DNDi

Costurada no decorrer de 2022, uma outra Aliança Estratégica, esta entre DNDi e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vai permitir que as organizações, parceiras de longa data, trabalhem ainda mais próximas em prol de comunidades negligenciadas. O objetivo é potencializar a colaboração no enfrentamento de problemas de saúde pública na América Latina, fortalecer capacidades e possibilitar que ambas as entidades atuem de forma simultânea em várias iniciativas.

Pelo acordado, um comitê estratégico conjunto vai supervisionar as ações, que não deverão se limitar à América Latina. Até 2027, a Aliança Estratégica buscará desenvolver medicamentos e biofármacos para doenças virais e doenças tropicais negligenciadas, melhorar o acesso de populações negligenciadas a tratamentos, estimular ensaios clínicos e promover a ciência aberta, o compartilhamento de dados e atividades educativas sobre doenças negligenciadas.

Quem são nossos parceiros

Presente em mais de 50 países, a **Insud Pharma** é uma indústria farmacêutica privada com mais de 40 anos de experiência no mercado.

A **Fundação Mundo Sano** é uma organização familiar que trabalha, desde 1993, na criação de modelos de gestão que sejam capazes de reduzir o impacto de doenças negligenciadas sobre a sociedade.

A **Fiocruz**, vinculada ao Ministério da Saúde do Brasil, é uma das mais importantes instituições de ciência e tecnologia em saúde da América Latina.



Leia mais sobre a Aliança Estratégica entre DNDi e Fiocruz no nosso [site](#).

Parcerias renovadas

A DNDi e o PECET (Programa de Estudo e Controle de Doenças Tropicais da Universidade de Antioquia, na Colômbia) assinaram um memorando de entendimento em novembro de 2022 para corroborar a parceria de longa data e seguir com a colaboração em atividades de P&D para doenças negligenciadas até 2027.

O convênio tem quatro metas: desenvolver fármacos para doenças virais, desenvolver medicamentos para enfermidades tropicais negligenciadas, melhorar o acesso de populações negligenciadas a medicamentos e fortalecer capacidades na América Latina. O objetivo final é promover o aumento da qualidade de vida de pessoas afetadas por doenças negligenciadas na região.

Um dos projetos que acontecerá no âmbito dessa associação é um ensaio clínico de fase I de doses múltiplas ascendentes do composto CpG-D35, candidato a se tornar um novo tratamento para pacientes afetados por leishmaniose cutânea complicada e leishmaniose dérmica pós-calazar. A ideia é disponibilizar um imunomodulador que possa ser utilizado junto com outras terapias, para estimular a resposta imunológica contra a infecção causada pelo parasita *Leishmania*. A pesquisa será realizada em Medellín, na Colômbia.

Em 2022, a DNDi ainda renovou o memorando de entendimento com o Ministério da Saúde da Colômbia. Com a continuidade da parceria, fruto da consistência e do sucesso das ações conjuntas para ampliar o acesso a diagnóstico e tratamento da doença de Chagas no país, a DNDi



Foto: PECET

e o órgão poderão não só expandir as atividades em curso como evoluir a linha de trabalho para outras doenças e temáticas de interesse bilateral.

A sequência de trabalho da DNDi com o Ministério da Saúde da Colômbia começou em 2015, focada em doença de Chagas, com a realização de um seminário nacional para identificação de barreiras de acesso e a constituição do Modelo 4D — diagnóstico, desenho, desenvolvimento e demonstração de impacto —, que orienta os projetos enquadrados no Programa de Acesso Chagas da DNDi. Depois, houve expansão para o apoio ao sistema de saúde local em atividades de diagnóstico e tratamento na atenção primária, incluídas em um roteiro de atenção integral centrado nas pessoas. Posteriormente, passou-se também à validação de ferramentas diagnósticas, como testes rápidos, em parceria com o Instituto Nacional de Salud Colombia e laboratórios nacionais de referência

“

Nossa parceria com o Ministério da Saúde da Colômbia teve uma consistente evolução no tempo, e a renovação dela confirma sua coerência. Nos próximos anos, acordamos explorar juntos temáticas como dengue e hepatite.

Sergio Sosa-Estani, Latin America Director



Leia o informativo [Acesso Chagas: a experiência-piloto na Colômbia](#) para saber mais sobre os projetos da DNDi em parceria com o Ministério da Saúde da Colômbia.

Diálogo com agências reguladoras em apoio à integração regional

Ao longo de 2022, a DNDi manteve diálogo com agências reguladoras de saúde de vários países da América Latina em discussões estratégicas para o cenário de doenças tropicais negligenciadas na região. A convite da Comissão Federal para Proteção contra Riscos Sanitários (Cofepris, na sigla em espanhol), do México, a organização participou da incubação da Agência Reguladora de Medicamentos e Dispositivos Médicos da América Latina e do Caribe (Amlac, na sigla em espanhol), cuja criação viria a ser anunciada em 2023.

A Amlac visa integrar práticas de regulação sanitária nos países da região, com o objetivo de garantir a autossuficiência de insumos estratégicos para as necessidades de saúde pública de cada nação. Entre as linhas de ação, estão o incentivo e a facilitação da pesquisa e do desenvolvimento de inovações e o apoio à produção local e a cadeias regionais de produção.

“Tivemos o privilégio de compartilhar visões e perspectivas durante a concepção da Amlac. Contribuímos com a experiência de uma organização que se dedica a desenvolver e disponibilizar medicamentos para doenças negligenciadas e que também é usuária das agências reguladoras da região, no sentido de que, junto a nossos parceiros, submetemos a esses órgãos pedidos de aprovação de ensaios clínicos e de registros de novas terapêuticas”, diz Sergio Sosa-Estani, Latin America Director.

Com a aspiração de implementar procedimentos regulatórios convergentes nos diversos países da América Latina e do Caribe, a Amlac poderá tornar mais eficiente a gestão regulatória na região, devido ao reconhecimento mútuo entre agências de referência. Será



Foto: Karin Schermbrucker-DNDi

possível, por exemplo, acelerar a concessão de aval para a realização de ensaios clínicos multicêntricos, mantendo o rigor das avaliações e a qualidade e a segurança dos processos.

“Por exemplo, se um país aprovar a execução de um estudo desenhado para ser realizado em vários países da região, a pesquisa poderá ser rapidamente aprovada em outros países também. Não seria necessário fazer uma longa aprovação país por país. O mesmo valeria para estudos de bioequivalência e registro de medicamentos”, explica Sosa-Estani.



Doença de Chagas

P&D para eliminar um problema de saúde pública

A maioria dos 6 milhões de pacientes que vivem com doença de Chagas está na América Latina, onde 21 países são endêmicos para a enfermidade, segundo a OMS. Pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, principalmente mulheres e crianças, são as mais afetadas.

A doença de Chagas, em sua forma crônica, atinge órgãos vitais e pode levar à morte. Embora exista tratamento, raramente ele é oferecido pelos sistemas de saúde no nível da atenção primária, o que dificulta a adesão e a continuidade pelos pacientes, já que é necessário se deslocar por longas distâncias até hospitais de referência. Além disso, os medicamentos atualmente disponíveis requerem longos regimes de administração

e monitoramento de segurança, por causarem efeitos colaterais. Outro problema é o acesso ao diagnóstico da doença, que ainda é complexo e depende de laboratórios clínicos que, muitas vezes, não estão disponíveis na atenção básica em países endêmicos.

Nosso objetivo é contribuir para a eliminação da doença de Chagas como problema de saúde pública, por meio da P&D de medicamentos mais simples, eficazes e seguros, além da redução das barreiras de acesso a diagnóstico e tratamento. Em 2009, lançamos a Plataforma de Pesquisa Clínica em Doença de Chagas, que viabiliza discussões técnico-científicas, colocando as necessidades das pessoas atingidas pela enfermidade no centro, a fim de ajudar a melhorar a qualidade de vida desses indivíduos.

“

É realmente uma doença muito grave. Se você não procurar tratamento, acaba morrendo. Já perdi dois irmãos meus para Chagas. Um deles faleceu de repente. O segundo recebeu tratamento, mas já era tarde.

Neirto
Goiás, Brasil



Foto: Vinicius Berger-DNDi



Doença de Chagas

Fortalecendo capacidades de pesquisa na América Latina

Dentro das atividades de *drug discovery* realizadas em 2022, a DNDi, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), fez avanços importantes em estudos pré-clínicos para doença de Chagas, com o início da testagem de moléculas candidatas a medicamentos em um modelo *in vivo* bioluminescente. Graças à sensibilidade desse modelo, os pesquisadores conseguem detectar, com mais facilidade e rapidez, se um determinado composto químico teve ação inibidora contra o *Trypanosoma cruzi*, parasita causador da doença de Chagas, e se existem ou não focos remanescentes de infecção após o tratamento.

Com o uso da técnica de bioluminescência nos testes *in vivo*, também é possível ter respostas mais precisas sobre a eficácia de moléculas e maior certeza de que compostos otimizados que se tornaram candidatos a medicamentos para doença de Chagas estão avançando para a fase de ensaios clínicos no momento certo — e não prematuramente.

O projeto teve início em 2019, com a transferência de tecnologia do modelo *in vivo* bioluminescente da London School of Hygiene & Tropical Medicine, na Inglaterra, para a USP, devido à parceria da universidade com a DNDi em atividades de P&D para doença de Chagas. Em 2021, ocorreram as etapas de validação e implementação do modelo, até os testes com moléculas — incluindo drogas de referência usadas para controle e novos compostos — começarem efetivamente em 2022. A DNDi auxilia a USP nos protocolos e no desenho experimental da pesquisa.

Segundo Carolina Borsoi Moraes, professora e pesquisadora do Instituto de Ciências Biomédicas da USP e investigadora principal do estudo, a ideia é que o projeto avance com a inclusão de cada vez mais moléculas inéditas nos testes, originadas do consórcio LOLA (sigla para Lead Optimization Latin America), que a DNDi mantém em parceria com a USP, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp), o Centro de Inovação e Ensaios Pré-Clínicos (CIEnP) e a Northeastern University, em Boston, nos EUA.

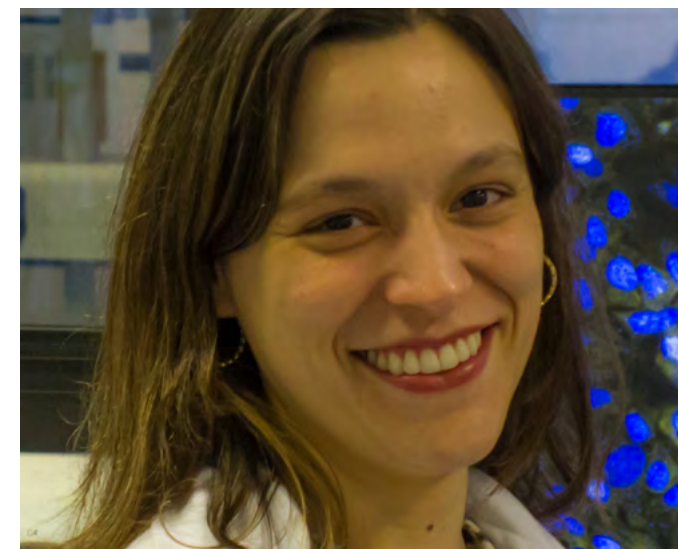


Foto: Arquivo pessoal

Um modelo *in vivo* bioluminescente para pesquisas pré-clínicas em doença de Chagas requer equipamentos de alta tecnologia e pessoal com conhecimento e treinamento específicos. Por isso, ainda é usado por poucos laboratórios no mundo. Para Carolina Borsoi Moraes, o desenvolvimento desse estudo por USP e DNDi de forma pioneira no Brasil permitirá mais avanços científicos, uma vez que dados obtidos no país poderão ser comparados com os de outros locais do planeta com objetividade, devido à padronização dos modelos *in vivo* bioluminescentes implementados em ensaios de *drug discovery*.

Além disso, o acesso de cientistas do Brasil e da América Latina a essa tecnologia está facilitado, e colaborações do grupo de pesquisa da USP apoiado pela DNDi com grupos de outras universidades já estão acontecendo.

“Temos um modelo de pesquisa mais poderoso, com mais recursos, e isso é bastante benéfico para o nosso cenário. Estamos auxiliando a Unifesp na implementação desse modelo e tivemos contato, intermediado pela DNDi, com um grupo da UFRJ. Há muita possibilidade de ajudar outros pesquisadores”, conta Carolina.



Doença de Chagas

Reunião da Plataforma Chagas e o lançamento do Manifesto de Bogotá

Em setembro de 2022, foi realizada a X Reunião da Plataforma de Pesquisa Clínica em Doença de Chagas, evento bianual que congrega membros da rede para atualização científica e criação de consensos sobre estratégias que contribuam para eliminar a enfermidade como problema de saúde pública. Pela primeira vez desde o início da pandemia de COVID-19, o encontro aconteceu em formato híbrido — nos dois anos anteriores, havia sido apenas online. A reunião presencial ocorreu na sede do Ministério da Saúde da Colômbia, em Bogotá, como resultado da parceria que a DNDi mantém com o governo do país em projetos de P&D e de acesso para doença de Chagas. Também foi a primeira vez que o território colombiano recebeu o evento.

A principal avanço produzido na reunião foi o lançamento do Manifesto de Bogotá, que elenca seis compromissos

que devem ser adotados como prioridade por governos, financiadores e organizações na luta contra a doença de Chagas. O documento, elaborado pelos membros da Plataforma Chagas e da Coalizão Chagas e por associações de pessoas afetadas pela doença, atualiza a Carta de Santa Cruz, assinada na VIII Reunião Plenária da Plataforma de Chagas, ocorrida em 2018.

Além disso, quatro workshops foram realizados durante o encontro na Colômbia, com o objetivo de produzir uma rica discussão entre pesquisadores e profissionais de saúde da América Latina e fortalecer capacidades. Dois foram focados em temáticas de acesso (indicadores de atendimento às demandas de saúde e construção de rotas de atenção), e dois em P&D (desenho de ensaios clínicos e uso de dados e evidências em sistemas de saúde e prática clínica voltada para doença de Chagas).

A X Reunião da Plataforma de Pesquisa Clínica em Doença de Chagas reuniu 54 palestrantes e 272 participantes, dos quais 106 estiveram presencialmente no evento.



Leia o Manifesto de Bogotá na íntegra [aqui](#).



Doença de Chagas

Consolidação do Programa Acesso Chagas 4D na Guatemala

Na Guatemala, o ano de 2022 marcou a consolidação do trabalho que a DNDi desenvolve em parceria com o Ministério da Saúde do país para ampliar o acesso de populações vulnerabilizadas ao diagnóstico e ao tratamento da doença de Chagas. A Clínica de Atenção a Pacientes de Chagas em Comapa, no departamento de Jutiapa, consolidou o seu funcionamento com cerca de 200 pacientes em tratamento, chegando a 350 pacientes atendidos e em seguimento ao ano.

A unidade é um dos frutos de projetos do Programa Acesso Chagas 4D, nos quais a DNDi apoia a liderança dos sis-

temas de saúde locais na descentralização do atendimento de saúde voltado para a doença de Chagas. O objetivo final é viabilizar o diagnóstico e o tratamento precoces da enfermidade na atenção primária à saúde.

“A experiência em Comapa tem sido muito produtiva. Um enfermeiro é o responsável pela atenção primária. A clínica tem boa estrutura e faz um seguimento de excelência dos pacientes no que diz respeito à medicação e a efeitos adversos”, diz Andrea Marchiol, Senior Chagas Access Project Manager.



Foto: Dan Ramírez Guerrero-DNDi



Saiba mais sobre a metodologia 4D do Programa de Eliminação de Barreiras de Acesso da DNDi [aqui](#).



Doença de Chagas

iChagas: aplicativo para capacitação de profissionais de saúde ganha aprovação dos usuários

Embora a doença de Chagas seja endêmica em 21 países da América Latina, a escassez de conhecimento sobre a enfermidade entre profissionais de saúde da região é uma realidade que impõe barreiras ao diagnóstico e tratamento das pessoas afetadas. Criado para atacar esse problema, o aplicativo iChagas, que permite a consulta de informações médicas atualizadas sobre a doença de Chagas, alcançou 551 downloads em 2022, seu primeiro ano de funcionamento. Além disso, 100% dos usuários que participaram de uma pesquisa de opinião disseram que recomendariam a tecnologia para colegas.

Lançado pelo programa de Acesso Chagas da DNDi América Latina, o iChagas dispõe de 13 módulos com conteúdo sobre como diagnosticar e tratar a doença de Chagas, que podem orientar e facilitar a prática clínica. O aplicativo está disponível em espanhol, e a tradução para as versões em português e inglês foi iniciada em 2022. A ideia é a ferramenta auxilie profissionais de saúde na aquisição e ampliação de conhecimentos sobre a enfermidade, para evitar que a falta de informação constitua uma barreira para o acesso de indivíduos afetados à atenção médica.

A sondagem mostrou que 29% dos usuários do iChagas são médicos (clínicos gerais ou especialistas); 22%, técnicos de laboratório; e 11%, enfermeiros. A maioria está na América Latina, principalmente na Colômbia (47%), na Guatemala (12%) e na Argentina (10%). O uso do aplicativo ajudou 90,9% dos respondentes a esclarecer alguma dúvida sobre a doença de Chagas; e 57% avaliaram o conteúdo temático da ferramenta com a pontuação máxima em uma escala de 1 a 10, enquanto 21% atribuíram nota 9 e 15%, nota 8.

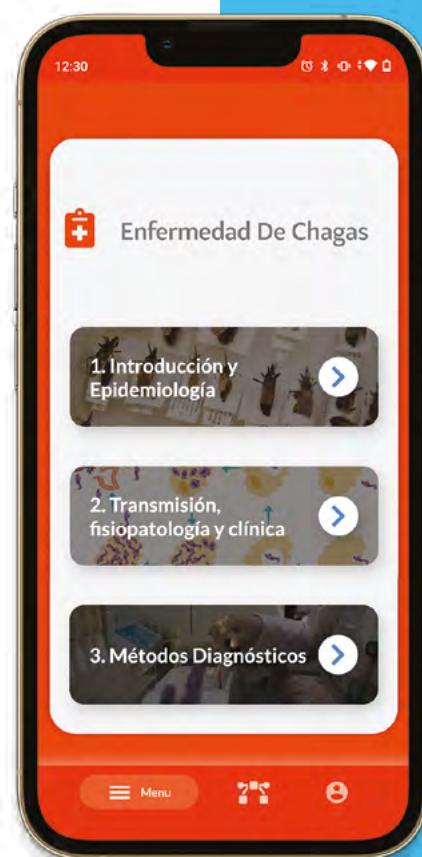


Foto: Reprodução



Doença de Chagas

Incidência política para ampliar o acesso a diagnóstico e tratamento

Paralelamente aos projetos de acesso para doença de Chagas, a DNDi realiza uma série de atividades de incidência a fim de estimular o aumento da oferta de diagnóstico e tratamento para pessoas afetadas, bem como mudanças que tornem o sistema de P&D para doenças tropicais negligenciadas mais equitativo. Em 2022, a DNDi, em parceria com o Ministério da Saúde da Colômbia, elaborou um [policy brief](#) em defesa da implementação de um itinerário de atenção para doença de Chagas no primeiro nível de atendimento de saúde no país.

O documento apresenta dados que mostram o impacto econômico da dificuldade de acesso a diagnóstico e tratamento para populações negligenciadas. Quando é necessário se deslocar para longe de casa e da unidade básica de saúde de referência para ir a uma consulta médica, gastos com alimentação, transporte e hospedagem provocam perda de renda substancial para indivíduos que já se encontram em vulnerabilidade so-

cioeconômica, como é o caso da maioria das pessoas afetadas pela doença de Chagas.

O material foi entregue a gestores de Entidades Promotoras de Saúde (EPS), que organizam e garantem a prestação de serviços do sistema de saúde colombiano, em uma reunião promovida pelo Ministério da Saúde do país, em Bogotá. A DNDi ainda fez algumas intervenções no encontro, que antecedeu a X Reunião da Plataforma de Pesquisa Clínica em Doença de Chagas, para discursar sobre a importância da descentralização do acesso a diagnóstico e tratamento da doença de Chagas.

Além disso, em 2022, a DNDi elaborou um informativo sobre a doença de Chagas para a nova composição do Ministério da Saúde da Colômbia, formada após as eleições de junho. O objetivo do documento foi pedir a manutenção da enfermidade entre as pautas prioritárias da pasta depois da transição de governo.



Foto: Ana Ferreira-DNDi



Leishmaniose

Por tratamentos mais simples e seguros

Na América Latina, 19 países são endêmicos para leishmaniose cutânea (LC), e 13 são para leishmaniose visceral (LV), segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Os tratamentos atualmente disponíveis para a doença são caros e longos, têm eficácia limitada e ainda dependem de injeções dolorosas que geram efeitos colaterais. Nossa missão é disponibilizar aos pacientes tratamentos mais simples e seguros com medicamentos já existentes, além de desenvolver tratamentos completamente novos, a partir de novas entidades químicas, que também sejam eficazes, seguros, fáceis de usar e acessíveis.

“
**As injeções são muito dolorosas.
Alguns sentem tontura,
outros sentem outros efeitos.
Comprimidos ou algo assim seriam
muito melhores.**

Luis Eduardo
Remedios, Colombia



Foto: Sydelle Willow Smith-DNDi



Leishmaniose

Em busca de novos medicamentos para leishmaniose cutânea

Em 2022, a DNDi e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) deram início a experimentos com o objetivo de desenvolver um modelo *in vivo* para testes de potenciais novos medicamentos contra LC. Nos laboratórios do Instituto de Biofísica da UFRJ, um grupo de pesquisadores trabalha no projeto usando parasitas da espécie *Leishmania braziliensis*, endêmica no Brasil e causadora de quadros graves de leishmaniose mucocutânea, caracterizados por lesões desfigurantes na face que acarretam grande estigma social para as pessoas afetadas.

Trata-se do primeiro modelo *in vivo* para *Leishmania braziliensis* bioluminescente em desenvolvimento que tenta reproduzir lesões de pele crônicas mais similares às humanas, segundo a chefe do Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular de Proteases do Instituto de Biofísica da UFRJ, Ana Paula Cabral de Araujo Lima, que coordena o estudo liderado pela DNDi. Além da UFRJ, a Universidade de York, na Inglaterra; a Universidade de Uppsala, na Suécia; o Instituto do Câncer, na Holanda; e a companhia francesa Aliri (antiga Imabiotech) também são parceiras da DNDi nesse projeto, financiado pela fundação holandesa Dioraphte.

“A *Leishmania braziliensis* é uma espécie difícil de estudar em modelo *in vivo* porque é impossível reproduzir exatamente o

quadro visto em humanos. Além disso, nos estudos *in vitro*, ela tem um comportamento diferente do de outras espécies de *Leishmania*. Então, existe uma lacuna de conhecimento sobre a biologia desse parasita. E é importante entender melhor isso para que possamos fazer a translação para estudos clínicos na busca de novos fármacos”, explica.

O desenvolvimento do modelo *in vivo* para *Leishmania braziliensis* faz parte de um grande projeto da DNDi que visa para testar, para LC, compostos de administração via oral já validados para LV em outros ensaios pré-clínicos.

Para o estudo em andamento na UFRJ, os pesquisadores também geraram uma linhagem de *Leishmania braziliensis* bioluminescente. De acordo com Ana Paula Cabral A. Lima, o desafio é gerar uma infecção sustentada com lesões aparentes nas quais se possa medir a ação antiparasitária de candidatos a medicamentos para LC — se o composto conseguiu chegar à pele e em qual dosagem, por exemplo.

“Se realmente conseguirmos fazer um modelo robusto e reprodutível, a ideia é dividir esse conhecimento com outros laboratórios que tenham interesse em fazer outros estudos”, afirma.

“
Essa é a primeira parceria da DNDi com a UFRJ, a exemplo de parcerias que já existem com outras universidades no estado de São Paulo. Acredito que esse é um passo importante para a constituição de capacidades e recursos humanos em diferentes partes do Brasil.

Ana Paula Cabral de Araujo Lima, chefe do Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular de Proteases do Instituto de Biofísica da UFRJ



Foto: Arquivo pessoal



Leishmaniose

Fomentando um ambiente de pesquisa sustentável na América Latina

Por meio de um modelo operativo baseado em parcerias, o estudo CL Combo, que visa testar a eficácia da combinação de miltefosina e termoterapia no tratamento da LC não complicada, vem fomentando trocas de experiências entre pesquisadores da América Latina e contribuindo para o fortalecimento do ambiente de pesquisas para doenças tropicais negligenciadas na região. Tudo isso é facilitado pela redeLEISH, criada pela DNDi em 2014 para dar suporte à implementação de ensaios clínicos, promover o compartilhamento de informações sobre leishmaniose na América Latina e contribuir com a definição de prioridades de pesquisa. A rede reúne mais de 200 membros, associados a mais de 90 instituições de 28 países.

O ensaio clínico coordenado pela DNDi é multicêntrico e está sendo realizado no Brasil, no Panamá, no Peru e na Bolívia, em centros de pesquisa que participam da redeLEISH, o que permite maior interação. Em 2022, uma médica do Programa de Estudo e Controle de Doenças Tropicais (PECET) da Universidade de Antioquia, na Colômbia, que também integra a redeLEISH, capacitou no uso da termoterapia os pesquisadores do centro de pesquisa do CL Combo da Bolívia. Além disso, duas pesquisadoras do Instituto René Rachou (Fiocruz Minas), um dos centros de pesquisa no Brasil ao lado das universidades federais da Bahia e do Mato Grosso (UFBA e UFMT), foram até o Panamá para receber, de pares do centro de pesquisa centro-americano, o treinamento em termoterapia necessário para o estudo.

No Brasil, o uso da termoterapia pode ser feito apenas de forma experimental, mediante aprovação de comitês de ética em pesquisa, porque a técnica não é regulamentada para o tratamento da doença dentro do país.

Além de viabilizar aprendizados, as trocas de experiências entre pesquisadores da América Latina proporcionadas pelo CL Combo vão permitir que as conclusões do estudo sejam mais robustas.

“Quando conseguimos testar alternativas de tratamento em estudos multicêntricos, o cenário de observação é mais amplo. Além disso, é provável termos um maior número de participantes em tempo menor, o que garante sustentabilidade aos estudos”, diz Marcia Hueb, pesquisadora do Hospital Universitário Júlio Müller, da UFMT, e coordenadora do projeto multicêntrico do CL Combo no Brasil.



Foto: Arquivo pessoal

Os recursos são muito escassos quando dirigidos a doenças negligenciadas, como a leishmaniose. Projetos como o CL Combo são uma forma de operacionalizá-los melhor, para que seja possível criar evidências científicas sustentáveis com foco no principal, que é melhorar as condições de tratamento do paciente.

Marcia Hueb, pesquisadora do Hospital Universitário Júlio Müller, da UFMT, e coordenadora do projeto multicêntrico do CL Combo no Brasil

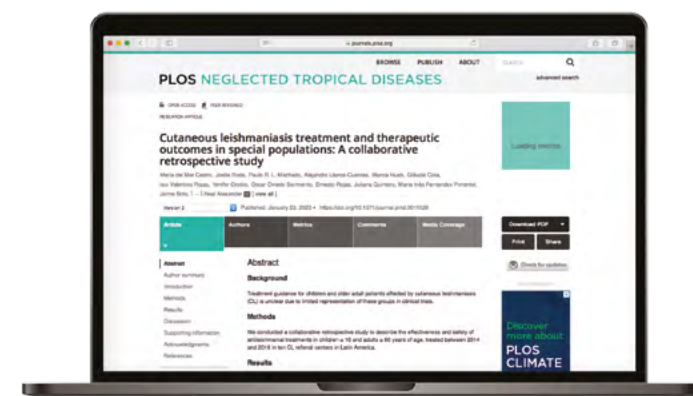


Leishmaniose

Publicação de artigo sobre o projeto Intercâmbio de Dados, da redeLEISH

O projeto colaborativo de intercâmbio de dados sobre LC concluído por 11 instituições integrantes da redeLEISH em 2021 foi coroado, em 2022, com a aceitação de um [artigo](#) para publicação pela prestigiada revista científica PLOS Neglected Tropical Diseases.

O artigo reúne informações provenientes das bases de dados das instituições participantes sobre o tratamento e o desfecho clínico de crianças de até 10 anos e idosos a partir de 60 anos afetados pela LC. A publicação ressalta o caráter inovador do projeto e como ele contribui com soluções sustentáveis para a ciência: foi preciso desenvolver instrumentos para recolher, processar, analisar e interpretar dados que, se não fosse a colaboração fomentada pela redeLEISH, não estariam disponíveis ou estariam fragmentados na América Latina, já que crianças e idosos não costumam ser incluídos em ensaios clínicos devido a questões éticas e de segurança.



As conclusões do estudo apontam que é necessário implementar terapias locais de forma mais ampla, disponibilizar alternativas aos antimoniais sistêmicos e desenvolver estratégias para melhorar o acompanhamento dos pacientes em toda a região.

Vozes da leishmaniose: Colômbia

Há anos, a DNDi e o Programa de Estudo e Controle de Doenças Tropicais (PECET) da Universidade de Antioquia, na Colômbia, mantêm uma parceria em projetos de LC.

Em 2022, a médica Juliana Quintero, clínica geral e pesquisadora do PECET, foi a voz de um filme lançado pela DNDi para apresentar um pouco das conquistas e dos próximos desafios dessa colaboração.

Assista ao filme em nosso [canal no YouTube](#) e conheça também as histórias de dois pacientes, o fruticultor Jorge e o minerador Luis Eduardo, que anseiam pela descoberta de tratamentos mais simples, seguros e acessíveis para a leishmaniose cutânea.



Foto: Sydelle Willow Smith-DNDi



Dengue

Esforços conjuntos para desenvolver um tratamento específico

Nas Américas, cerca de 500 milhões de pessoas estão em risco de contrair dengue, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). A doença, cuja disseminação pelo planeta vem sendo acelerada devido a mudanças climáticas, até hoje não tem um medicamento específico capaz de tratá-la, embora já seja conhecida há séculos.

Em todo o mundo, 129 países, incluindo vários da América Latina, são endêmicos para a dengue. Só no continente americano, o número de casos da doença saltou de 1,5 milhão na década de 1980 para 16,5 milhões entre 2010 e 2019, também segundo a OPAS.

Em 2022, lançamos a Aliança Dengue, uma parceria global da DNDi com instituições de pesquisa de países endêmicos do Sul Global. O objetivo é identificar e disponibilizar um tratamento seguro, eficaz e acessível que evite a progressão da doença para a forma hemorrágica, que pode levar à morte rapidamente.

Apesar de avanços recentes no desenvolvimento de vacinas e em estratégias de controle vetorial, permanece o consenso sobre a necessidade de tratamentos como parte de um plano de combate integral à dengue. Tal necessidade é acentuada em países endêmicos, onde populações vulnerabilizadas têm acesso limitado a vacinas e a cuidados precoces e adequados capazes de prevenir quadros graves da doença.



Foto: Lucas Tavares-DNDi

Tive dengue três vezes e fiquei doente por cinco a sete dias em cada uma delas. Se houvesse medicamentos específicos, acho que as pessoas não sofreriam tanto tempo com os sintomas.

Hélder
Rio de Janeiro, Brasil



Dengue

Ciência brasileira na Aliança Dengue

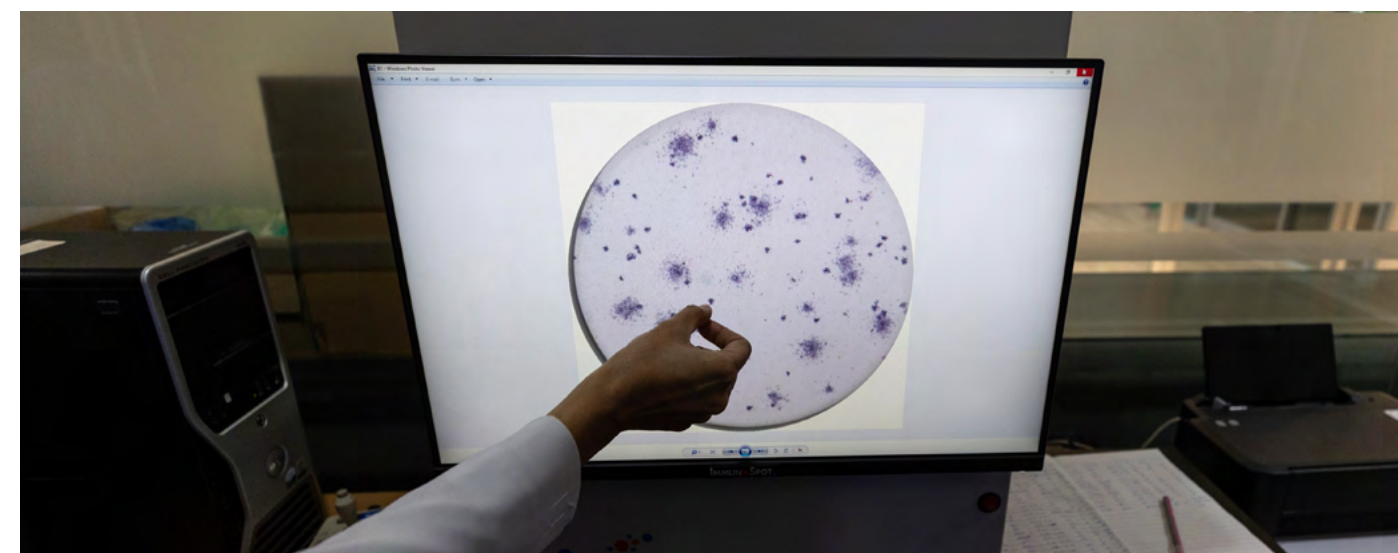


Foto: Luke Duggleby-DNDi

A Aliança Dengue adota um modelo inovador de P&D para doenças negligenciadas, no qual todo o trabalho científico é liderado por representantes de países endêmicos, o que resulta em uma grande colaboração entre países do Sul Global.

Uma das instituições que integram a Aliança Dengue é a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em abril de 2022, DNDi e Fiocruz firmaram um memorando de entendimento para formalizar a intenção de atuarem juntas em projetos de pesquisa e desenvolvimento de novos tratamentos para a dengue.

A assinatura do documento permite o avanço da cooperação histórica entre as duas organizações — a Fiocruz é uma das fundadoras da DNDi, e ambas são parceiras em iniciativas de P&D para outras doenças —, além de possibilitar o fortalecimento de capacidades de produção científica e tecnológica dentro da América Latina. Tal efeito deve ser potencializado pela amplitude das atividades realizadas pela Fiocruz.

Em 2022, a DNDi também construiu as bases para a assinatura de um memorando de entendimento com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), outra instituição membra da Aliança Dengue. Ao longo do ano, a universidade contribuiu com a realização de estudos pré-clínicos de relevância para a seleção de candidatos a tratamentos contra a dengue entre medicamentos antivirais reposicionados e terapias direcionadas ao hospedeiro.

Enquanto a função da DNDi é coordenar o trabalho da Aliança Dengue, o papel de Fiocruz e UFMG é atuar junto a instituições de Malásia, Índia e Tailândia na busca de um tratamento específico para a dengue, em uma colaboração Sul-Sul que fortalece as potencialidades científicas de países endêmicos.

A abordagem ampla da rede de pesquisa com vistas ao enfrentamento da doença também inclui ações voltadas para diagnóstico, biomarcadores, questões regulatórias e estratégias de acesso.



Acesse nosso site e leia a [reportagem](#) sobre a parceria da DNDi com a Fiocruz.



Dengue

Inovação no modelo de captação de recursos para reforçar a colaboração Sul-Sul

O conceito de cooperação Sul-Sul também foi incorporado ao modelo de financiamento das atividades desenvolvidas pela Aliança Dengue. Pela primeira vez, as instituições que formam uma rede de pesquisa coordenada pela DNDi têm responsabilidade compartilhada na captação de recursos para o projeto. A DNDi atua apenas como facilitadora do processo, enquanto a liderança é dividida entre os membros da coalizão.

“Como parte dos memorandos de entendimento com cada uma das instituições, elas também são responsáveis pelos esforços de busca de financiamento. A ideia é explorar, ao máximo, as oportunidades de captação de recursos nos países endêmicos”, diz Renata Nabuco, External Relations Coordinator na DNDi América Latina. “Empoderar países endêmicos faz

parte do modelo de P&D da DNDi. Ao mesmo tempo em que queremos que os países do Sul Global ganhem papel de destaque nas pesquisas, eles também precisam contribuir financeiramente para que isso ocorra. Por isso, os estimulamos a aumentar o financiamento para a ciência para que essa área seja desenvolvida localmente”, completa.

Na América Latina, a DNDi vem trabalhando com a Fio-cruz e a UFMG na busca ativa por financiamento para atividades de P&D para dengue.

“Estamos fazendo esforços conjuntos e temos grande expectativa de conseguir participação importante de financiadores públicos e privados, do Brasil e da região, para o trabalho da Aliança Dengue”, afirma Renata Nabuco.

“

A Aliança Dengue é uma experiência que conecta os três pilares da missão da DNDi: ao mesmo tempo em que produzimos inovação, criamos soluções inclusivas e sustentáveis e fazemos incidência política por maiores investimentos em P&D para a doença.

Renata Nabuco, External Relations Coordinator



Hepatite C

Pelo direito de todos à cura



Foto: Angie Vasena-DNDi

No mundo, cerca de 58 milhões de pessoas têm hepatite C, mas 75% delas não sabem que estão infectadas e apenas 13% têm acesso a tratamento.

Graças ao desenvolvimento dos antivirais de ação direta (AADs), medicamentos eficazes e seguros contra o vírus da hepatite C lançados em 2013, as chances de cura da doença demonstradas por ensaios clínicos são superiores a 95%. Porém, barreiras no acesso a esses fármacos, bem como a métodos de diagnóstico, continuam dificultando o combate à infecção, que ainda mata aproximadamente 800 pessoas por dia.

Na América Latina, seguimos trabalhando para registrar o ravidasvir, que disponibilizamos em 2021 para tratamento da hepatite C em combinação com o sofosbuvir, no Brasil e na Argentina. Paralelamente a isso, desenvolvemos atividades de incidência política e apoiamos os sistemas de saúde locais em ações que visem à ampliação do acesso ao diagnóstico simplificado e ao tratamento da doença.

“

Tive a possibilidade de me curar com os antivirais de ação direta em apenas dois meses, tomando um comprimido por dia. O vírus foi eliminado do meu organismo.

Marcela
Buenos Aires, Argentina



Hepatite C

Enfrentando barreiras no acesso ao diagnóstico simplificado e ao tratamento

Em agosto de 2022, DNDi e Médicos Sem Fronteiras (MSF) realizaram, no Rio de Janeiro, uma reunião estratégica no âmbito do Hepatitis C PACT, aliança formada pelas duas organizações, junto com FIND e Treatment Action Group (TAG), para enfrentar barreiras no acesso ao diagnóstico e tratamento da hepatite C em países de baixa e média renda.

O encontro reuniu representantes de organizações da sociedade civil que, durante dois dias, analisaram o cenário epidemiológico da hepatite C na América Latina, discutiram as diretrizes dos programas nacionais de combate à doença na região, identificaram lacunas e necessidades para a descentralização do diagnóstico e do tratamento e mapearam oportunidades de cooperação do Hepatitis C PACT com os países latino-americanos para a ampliação do acesso a diagnóstico e tratamento.

Ao fim das atividades, que aconteceram no escritório de MSF no Rio, os participantes produziram um esboço de um plano de ação e engajamento baseado em lacunas, necessidades e oportunidades identificadas. Entre as atividades propostas, estavam a construção de uma estratégia de colaboração Sul-Sul para o combate à hepatite

C e a incidência com sociedades médicas e de classe de profissionais de saúde para que enfermeiros sejam treinados para realizar a testagem, a fim de ampliar o acesso ao diagnóstico da doença.

Também em 2022, o Hepatitis C PACT estreitou o relacionamento com a Coordenação de Hepatites Virais do Ministério da Saúde da Argentina visando colaborar em pautas prioritárias do Programa Nacional de Combate à Hepatite C, como a descentralização da oferta de diagnóstico e tratamento e o desenvolvimento de modelos de atenção inovadores. A aproximação impulsionou a construção de uma proposta de trabalho conjunto com foco em capacitação de enfermeiros, dentro de um projeto de simplificação do diagnóstico.

Na Colômbia, a DNDi participou de um comitê organizado pelo Ministério da Saúde para atualizar as Diretrizes Nacionais para Hepatite C conforme as novas políticas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o contexto local. O grupo incluiu médicos, especialistas e outras organizações, como a Fundación IFARMA e a Organización Pan-Americana da Saúde (OPAS).



COVID-19

Experiência e inovação na preparação para pandemias

Junto com parceiros na América Latina e no resto do mundo, temos empregado nossa experiência em P&D para contribuir com inovação para a resposta à COVID-19 e a preparação para possíveis pandemias no futuro.

Além de coordenarmos o estudo ANTICOV, ensaio clínico que visa encontrar tratamentos precoces para casos leves e moderados de COVID-19, promovemos a equidade em pesquisas sobre doenças infecciosas com potencial epidêmico ou pandêmico e resistência a antibióticos por meio de uma coalizão global chamada CERCLE (acrônimo para Coalition for Equitable Research in Low-Resource Settings), antes COVID-19 Clinical Research Coalition. Formada por organizações, cientistas, médicos, financiadores e responsáveis políticos de 98 países, a coalizão tem por missão colaborar para que o foco esteja sempre nas necessidades de pessoas vulnerabilizadas em contextos de recursos limitados.

Impulsionando a pesquisa clínica na Colômbia

Em 2022, na Colômbia, pesquisadores do Grupo de Trabalho de Epidemiologia Clínica da CERCLE trabalharam em um projeto de pesquisa sobre COVID-19 longa. A proposta foi submetida a editais de financiamento, após a realização de um estudo piloto na Fundación Cardioinfantil - La Cardio, em Bogotá.

O objetivo é avaliar, em adultos com doenças crônicas não transmissíveis e COVID-19 longa, o impacto de uma estratégia de reabilitação funcional e cognitiva nas capacidades funcional e cognitiva, na qualidade de vida e na evolução da doença de base.

A ideia é ter 500 pacientes recrutados em dois centros de pesquisa e, depois, dividi-los aleatoriamente em dois grupos iguais: enquanto o primeiro fará a reabilitação funcional e cognitiva, o segundo receberá recomendações sobre prevenção e tratamento baseadas em evidências.

O estudo também visa descrever as principais manifestações clínicas da COVID-19 longa de acordo com a recorrência e a severidade dos sintomas.



Foto: Lameck Ododo-DNDi

Construindo mudanças ao lado de pacientes negligenciados



Foto: Javier Abi-Saab-Cuida Chagas

Reafirmando o compromisso de dar voz aos pacientes negligenciados, em novembro de 2022, a DNDi apoiou a realização do 7º Fórum Social Brasileiro de Enfrentamento das Doenças Infecciosas e Negligenciadas, que aconteceu em Belém, com transmissão ao vivo pela internet, nos dias que antecederam o 57º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (Medtrop 2022).

O Fórum reúne associações de pessoas afetadas, movimentos sociais, voluntários e especialistas que atuam na luta por diagnóstico, tratamento e acesso para doenças infecciosas e negligenciadas.

Carta entregue a autoridades

No encontro, a DNDi coordenou a redação da carta aberta que tradicionalmente é escrita em todas as edições do evento, com as reivindicações dos pacientes. O conteúdo foi pensado coletivamente, durante as discussões em grupo e atividades de mobilização do Fórum.

O material redigido a partir das demandas dos pacientes foi entregue a pesquisadores e autoridades na abertura do Medtrop 2022 — entre eles, a então presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Nísia Trindade, que se tornaria ministra da Saúde em 2023. O conselho do Medtrop também recebeu a carta e prometeu apoio e mais visibilidade ao Fórum.

O Fórum ainda teve uma fala na cerimônia de abertura do Medtrop 2022, e um [vídeo que resume a carta](#) foi exibido.

Além de apoio para a redação da carta, a DNDi deu suporte logístico à realização do Fórum e contribuiu para a definição da agenda do encontro. Outras organizações, como NHR e MSF, também participaram. “O protagonismo é das associações que integram o Fórum. Nós facilitamos as conversas e damos apoio nas questões em que há alguma dificuldade”, explica Diego Galvão, Regional Access Consultant para Leishmaniose e Doença de Chagas.

Cerca de 100 pessoas compareceram à reunião do Fórum em Belém em 2022 — a primeira presencial após a pandemia de COVID-19 —, e aproximadamente 1.500 assistiram à transmissão online.

Ações em toda a região

Ao longo de 2022, a DNDi manteve contato próximo com associações de pacientes de Chagas de toda a América Latina, para estimulá-las a se mobilizar em defesa de mudanças que melhorem a qualidade de vida dos afetados pela doença.

Com a Federação Internacional de Associações de Pessoas Afetadas pela Doença de Chagas (FINDECHAGAS), que reúne as associações existentes pelo mundo todo, foram realizadas reuniões periódicas para alinhamento de agendas prioritárias e definição de sinergias para trabalhos conjuntos.

A DNDi também estreitou ainda mais o relacionamento com a Fundación AsoChagas Internacional, da Colômbia, ao longo de 2022. O plano é incrementar as ações com a sociedade civil deste e de outros países latino-americanos nos próximos anos.

“

Se o nosso modelo de P&D é centrado nas necessidades dos pacientes negligenciados, temos que ouvi-los e apoiá-los. E é extremamente importante que eles tenham voz ativa. A atuação de muitas associações de pessoas afetadas é comunitária, focada no acolhimento das pessoas. O Fórum busca uma atuação conjunta para maior incidência política, a partir da troca de experiências entre as associações. Isso inspira e empodera.

Marina Certo, Platforms Coordination Officer



Agradecimentos

Junte-se a nós na luta contra as doenças negligenciadas!



Foto: Ana Ferreira-DNDi

A DNDi tem consciência da relevância de sua atuação na América Latina, considerando os desafios impostos por uma região tão diversa e extensa geograficamente. Todos os nossos esforços são orientados pelas necessidades das pessoas afetadas por doenças negligenciadas. Trabalhamos para disponibilizar novos tratamentos — mais seguros, eficazes e acessíveis — contra essas enfermidades e garantir que eles realmente cheguem a quem mais precisa.

Visando ampliar nossas ações em P&D de medicamentos e na defesa do acesso à inovação pelas populações negligenciadas, firmamos parcerias estratégicas e estabelecemos modelos colaborativos de atuação. Com isso, nos unimos a atores de diversos segmentos — como governos, universidades, instituições públicas de pesquisa e indústrias farmacêuticas — para atingir resultados efetivos na América Latina.

Nosso trabalho orquestrado possibilita o desenvolvimento de soluções para melhorar a qualidade de vida de pacientes afetados por doenças negligenciadas, além de fortalecer capacidades de pesquisa pré-clínica e clínica e de atendimento médico pelos sistemas de saúde. Dessa maneira, contribuímos não apenas para a agenda da Organização Mundial da Saúde para prevenção, controle e eliminação das doenças tropicais negligenciadas até 2030, mas também para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas, sobretudo o ODS 3, sobre Saúde e Bem-estar.

Todo esse trabalho só é possível graças ao apoio de doadores públicos e privados, entre os quais se incluem vários da região latino-americana, onde a maioria dessas doenças é endêmica. Assim, sua doação pode fazer a diferença e contribuir para salvar milhões de vidas.

Agradecimentos

Nossos doadores na América Latina

De 2003, ano de nossa fundação, a 2022, disponibilizamos 12 novos tratamentos para 6 doenças negligenciadas. Até 2028, a meta é alcançar a marca de 25 tratamentos.

Somos profundamente gratos aos doadores listados abaixo, que apoiaram projetos na América Latina em 2022.

A lista completa dos atuais doadores da DNDi se encontra no [2022 Annual Report](#) (em inglês). A relação de todos os doadores desde 2003 está disponível no nosso site global: dndi.org/donors.

APOIO PÚBLICO E INSTITUCIONAL

- Alemanha - Ministério Federal de Educação e Pesquisa (BMBF) por meio de KfW
- Japão - Fundo de Tecnologia Inovadora em Saúde Global (Fundo GHIT)
- Países Baixos - Ministério de Relações Exteriores (DGIS)
- Reino Unido - Agência de Cooperação Internacional do Reino Unido (UK aid)
- Suíça - Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC)

APOIO PRIVADO

- Associação Bem-Te-Vi Diversidade
- Dioraphte Foundation
- Médecins Sans Frontières – Internacional
- Médecins Sans Frontières – Suíça
- Takeda Pharmaceutical Company Limited

FINANCIAMENTO COLABORATIVO

- Brasil – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Ministério da Saúde por meio do Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos em Saúde (DECIT/SCTIE)
- Brasil – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

RELATÓRIO DE ATIVIDADES AMÉRICA LATINA 2022

Publicado pela **iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDi)**

**Edição e coordenação
de projeto (Comunicação)**

Camilla Muniz

Revisão

Camilla Muniz

**Projeto gráfico
e diagramação**

Alerta!design

Foto de capa

Dan Ramírez Guerrero-DNDi



DNDi América Latina

Rua São José, 70, sala 601, Centro
20010-020 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil
+55 21 2529 0400

dndial.org

DNDi Sede

15 Chemin Camille-Vidart
1202 Genebra, Suíça
+41 22 906 9230

dndi.org